

O UNIVERSAL

SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

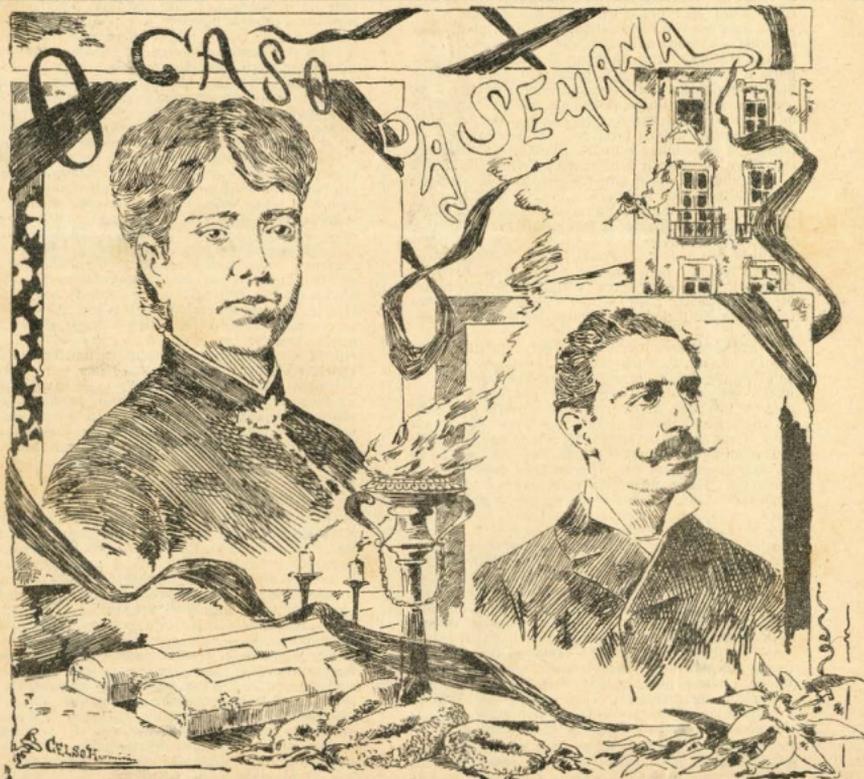
DIRECTOR ARTISTICO

SECRETARIO DO SUPPLEMENTO

JOSE SARMENTO

CELSO HERMÍNIO

Lisboa — Segunda-feira, 6 de Junho —



O bombo de Barros Lima é o capitão Barros Lima.
 O publico conhece a tragedia. Por os jornais, elle ante a semana
 finda, relataram o acontecimento nas suas linhas pavorosas. O seu
 nome de aquella virtuosa senhora, desesperada pelo proximo fallecimento
 do marido, e o mais alto exemplo de amor e dedicacao, com que se
 braga a Deus, no entanto, que elle exemplo nos fructifica.

NEVROSE

PRIMEIRO CAPITULO

Synthese. — Lagunas d'água quieta, até ao ponto lívido: uma arvore muito nitida, a crescer na agonia da luz: paizagem arripiada, hystérica, com toques baços de luz sobre a immobillidade das aguas... Ah! viveria com uma bem amada tísica, soffredora e triste, e a defendel-a da Morte esquecia a sua dor, a aqonhegal-a, n'esse paiz lívido, do arripiado das lagunas e da arvore, teria virilidade...

A saúde das mulheres era uma ameaça para a sua alma de tímido. Para ter sorrisos magoados, precitaria de sentir a alma agasalhada — e, prevertido, desejava as doentes maceradas á hora da morte, desfallecidas, todas pallidas, sem nada de animalidade, e esqueletos de raparigas quasi tísicas, tão expressivas no vicio... A ferocidade da mulher que se abandona, desancada e prevertida, fazia-o soffrer, curvado. Sentia que ella seria sem piedade para a sua dor — e vivia n'um desconcelo de abandonado ao crepusculo, n'um paiz muito triste d'agoas mortas. A nevrose aguçava-o e revia nitida, com uma intensidade dolorida — a unica noite em que acompanhado tentara a Femea. Tres mulheres tiveram risadas más para a sua virgindade, e, pallidas, faziam-no encoller-se n'uma timidez infame: e queria rir, ser forte — e sentia um tedio de violentado, ao ver exposto o que queria conservar secreto e intimo. Sahira a dizer-se injurias, n'uma furia de odio, com vontade de possuir e espesinhar a mulher. Solitario vingava-se. Outra vez tentara a Femea, mas a evocação d'essa noite intimidava-o — e uma tristeza vaga fazia-o quasi solugar, languido. Injuriara a Femea, para que ella o não sentisse tímido. Sabiu — e sentia um tedio, uma furia de soffrer e de fazer soffrer. Odiava-se e tentava odio ás mulheres. A memoria d'essa noite fel-o masturbar-se e viver recolhido. Na solidão desdobraava logares tristes e bem amadas. Sentia com uma acuidade dolorida — e evocava a miúdo a noite em que fora ás fêmeas, para soffrer. Vivia uma vida inferior que lhe fazia vago o olhar — e sentia-se exasperado.

Uma noite teve medo de morrer, e quiz tentar de novo a mulher. Passava pela rua, excitado. Mas não se atrevia. Quasi a correr, dizia obscenidades, a prometter-se que entraria — e seguia, perturbado, a vomitar-se infâmias. Analysava a sua miseria com subtils raciocinios. Soffria muito. A sua cura preoccupava-o; vivia n'uma irritabilidade, n'uma furia d'egoismo, n'um medo infame da morte. Tinha a imaginação de augmentar a sua dor. Agoravava-se com doenças. Duidava. Tinha medo de endoiacecer e precisava acalmar-se. Raciocinava — e o raciocinio que seguia para se acalmar, excitava-o: dizia-se, se a excitação te faz mal, é porque estás a morrer... Se ia a dormir pensava que poderia não acordar mais, morrer no somno, sem poder gritar, sem sentir morrer — e vibrava afflicto. Desmoriava-se — e o medo da morte roia-o com uma tenacidade miuda. Tinha dias de um tedio, d'um exaspero enorme — e masturbava-se então com ferocidade, para se vingar, com vontade de se despedaçar, a dizer-se: — Não vaes ás fêmeas, estúpido! — Depois o medo da morte allucinava-o: analysava-se: via se idiota, estúpido, e n'uma prevercidade enorme, odiava tudo. O crepusculo perturbava-o, e a agonia macerada da luz dava-lhe a impressão d'uma bem amada, morta de saudade n'um paiz de dunas, razo e triste...

Único amor. Era ainda essa paizagem d'uma monotonia amada, paizagem quasi unica — que ella a miúdo evocava: paiz de charcos lisos, aguas esquecidas entre manchas verdes esparralhadas, d'onde fugiam no morrer da tarde bandos de corvos. Doentes póres de sol, ceus com manchas lividas entre pin-celadas de nuvens... Raparigas cór de febre passavam e os seus córos invocadores, reuniam-se ao morrer da tarde sobre as aguas — lividas agora, e que copiavam pallidas com o traço fino da agua-forte hastes deervas... Um pôr de sol em cada pedaço

de agua lisa. E longe, violaceas fugidias outras lagunas, unidas ao ceu... E n'essa paisagem evocava a Ardid.

Tardes lividas nos pantanos, os homens sahiam do violaceo da tarde e cahiam sobre ella nos ranchos: a bocca espremia-se-lhe n'um arripiado dolorido; convulsionava-se-lhe o olhar e tinha instantes d'um terror doído e espremeva...

Foi d'elle tambem — mas deixava-o e elle soffria.

Sentia-se languido como quando ella vivia e o deixava. Para que ella vivesse teria assassinado. Evocava as infâmias que o Coveiro fizera pela amante, velha e estúpida. Era a necessidade de a possuir por habito: um doentio que se affizera aquelle amor perverso. Queria deix-a, mas não podia possuir outras mulheres. E ella dominava-o, fazia-o viver na Ignominia. Elle tambem não tinha amado a Ardid, mas fora a unica mulher que possuira, e agora a miúdo desfallecia sobre essa Morta, arrancava-a á covas para a amar em paizes tristes, em paizagens que uma claridade baça doloria. Porque a amava agora: odiava-a, vingava-se das infâmias a que ella outr'ora o levára... E ella agora não o podia deixar: evocava-a para a injuriar, e espesinhada amava-a, tinha-a cór de typho, a bocca oprimida de lascivia, á beira dos pantanos esverdeados como cadáveres a apodrecer n'um logar de combate.

Mortificação dos abandonados pelas Anantes, horas de desprezo — em que ellas são evocados infames como o Vicio, horas de emocio?... Mas passando esse periodo, quando os plan is architectados para ter a femea, tinham cahido, começava a raciocinar e a sentir-se languido. Viciosa, ella era expressiva e comoda. Resava a Jesus. Tinha vontade de ir para um convento e o perverso desejo dos feminios voltava-lhe... Vae, vae para um convento, minha alma, terminar com essa vida mortificada, vae morrer de emocio para o socego d'um córo!... E o que mais o tornava languido e curvado era que a Ardid o encontrava a miúdo. E o sorriso de desprezo que era preciso mostrar, ao sentir-se desfallecer... Vivia n'uma emocio continua, que o matava, que o fazia chorar, e o seu amor por Jesus e por Nossa Senhora crescer, fazia-o rezar em soluços, de rastros, quebrado de forças. Mas ella decerto voltava. Evocava-a a pedir-lhe perdão, humilhada, banhada de choro, para lhe cuspir, para lhe bater, por ella o ter deixado... Não te perdoo!... E porque não confessas minha alma, que a bejarias nos olhos allucinado?... Não, ella decerto voltava! ella não queria perder o que lhe promettera para a reter. E era sincero ao dizer: — Podia ser feliz commigo! — E logo dizia que muitas vezes pensara em a abandonar quando estivesse curado. — Não, não a abandonaria nunca!

E sentia-se vingado.

Mas vivia solitario — e a nevrose ameaçava-o. N'um horror via se perdido outra vez. Odiava-a. Sentia-se mais languido. Então a Ardid não lhe pedia perdão?... Sentia-se triste, n'um tedio de lama, e pensava em se abaxiar. Revoltava-se, jurava e para tornar inevitavel a separação: Prometto, juro a Nosso Senhor que nunca mais a quero!... Aehava-se indigno. Mas sentia-se perturbado, mais languido, pensava na doença — e dizia-se que era necessario acubar com aquillo. E se elle, quando a encontrasse, se fingisse doente?... Mas p'ra que pensar n'aquillo se tinha jurado?... E irritava-se: Então nem agora podia pensar? Deixal-o pensar se estava decidido. Pois não tinha jurado? — E calculava: Quando ella passasse fingiria uma dor... — E sentia-se tão melancolico que foi para ella uma alegria achar esta desculpa: assim a minha dignidade não soffre, porque não sou eu que peço perdão. E depois ella é uma estúpida! E eu não a amo, mas ella e a minha vida! Posso endoiacecer, posso morrer!... Quando não for tempo então has de querer abaxiar-te. Quem sabe se ella não quererá, a estúpida... Não quero!

E como a visse apparecer nas lagunas, cór de typho, sentou-se no caminho a gemer. Ainda pensou: — E o juramento que eu fiz a Nosso Senhor?... — E como ella parasse, como o acariciasse — elle sen-

fiu-se doente. Depois n'uma furia possuiu-a a dizer-se: Deixa estar que em eu não precisando de ti, abandonando-te!

O que teria a Ardida feito d'elle se não tivesse morrido. Para a possuir para a reter assassinará. E odiava-a por ella ter morrido.

K. MAURICIO.

A PESCA

Agrupados em volta, os pescadores
Olham na praia os montes de sardinha,
Que a companhia do sul ha pouco tinha
Arrebatado ao mar, entre clamores.

Boa irmã n'alegria, irmã nas dores,
Toda essa gente enorme, que se apinhna,
Lá, corria pela praia, e vinha
N'um rumoroso enxame de mil cores...

Vae, n'um tropel de gritos e de pragas,
Resvalando n'areia um barco ousado...
(O grandê mar, que tanta vida tragas,

Amaina as iras de leão raiavado!)
E o barco salta, nas primeiras vagas,
Como um cavallo ás upas, desviavado.

LUIZ OSORIO

Inquerito literario

OS NOVOS

Por julgar interessante, no actual momento, um inquerito literario sobre os livros de versos e de prosa ultimamente apparecidos,—alguns dos quaes tem feito ruido no nosso escasso meio literario,—propuz-me entrevistar cada um dos litteratos que, na nossa terra, exercem sobre o publico alguma preponderancia, pelo seu talento consagrado.

Assim, o primeiro escolhido foi o senhor

ABEL BOTELHO

o auctor do *Barão de Lacos* e dos *Vencidos da Vida*. Móra n'um segundo andar, ali para a Magdalena, ao defrontar com o largo do Caldas.

Bato á porta. Uma rapariginha abre e, cumprida a cerimonia de mandar o meu cartão, entro para uma saleta alfandada. A janella meo cerrada, deixa passar uma claridade morna de sol. Não espero muito. Abel Botelho está diante de mim, com o seu sorriso eternamente livido e arregaçado-lhe o labio. Em vez da cabia amarella, com que o sonhava na paz do seu gabinete de trabalho, elle apparece-me como um burocrata. Passamos á sua sala de trabalho — e ali, tendo fallado em coisas litterarias que não vinham ao caso, eu expuz o fim da minha visita.

—Já foi ao Fialho?

—Ainda não. E' esta a primeira porta a que bato. — Pois deve ir. Uma *interven* com o Fialho deve ser curiosissima. Eu creio que elle não está de boa feição para os Novos.

—Perdão. Eu tenho razões seguras para lhe poder affirmar que elle tem escripto certos elogios a todos os que tem publicado livros ultimamente.

—E' por isso mesmo. Vá lá, que tem ali um curioso inquerito a fazer.

—Se v. ex.ª me permite, eu começo a serie de

perguntas que tenho a fazer-lhe:—*que pensa e. ex.ª dos Novos—ou melhor da feição nacional que elles procuram dar á Poesia?*

—Penso que a intenção é excellente, indispensavel mesmo, no actual momento da nossa revivescencia nacional; mas por enquanto não passa de uma tentativa. A não ser Julio Brandão, nenhum dos novos poetas apresenta nada de bebido directamente nas fontes da inspiração popular. Fazem obra erudita, pelos *Cancioneiros*; aproveitam os antigos ingenitos metros dos nossos trovadores e o encantador pectulo de suggestivas e graciosas coisas amorosamente joeiradas por Garrett; mas ainda não *acharam* nada.

As poesias, no genero, de Antonio Nobre não logram transmitir-nos a mais tenue vibração da emoção do poeta: são roes de exclamações, catalogos de nomes, sem cor e sem alma, visionados ao pallido clarão da distancia, sentidos longe.

—Parece-lhe que o livro de Antonio Nobre seja um livro completo? que elle tenha realisado essa aspiração de dar á poesia essa feição nacional?

—Não me parece. E' um bello livro, affirmativo e pujante, sen duvidas, mas no meu entender prejudicado pela preoccupação do auctor querer *ararucar nullo*, de repente. Assim, em geral, no livro as poesias mais recentes, aquellas em que o poeta se propozera realisar a sua sonhada evolução nacional na nossa poesia, são precisamente as peiores: sem cunho suggestivo, eahoticas, obscuras, todas carvoadas em grossas linhas de esboço, com esquadras de exclamações em puxos de talento, e para mais prejudicadas pelo feição barbaro do verso.

Oh, meu caro amigo, é que isto de fazer arte *simples*, não é tão facil, tão simples como á primeira vista parece. No entanto, consegue-se. Ah! tem agora o Junqueiro, no seu ultimo livro, ferindo e *smorzando*, com um talento superior e um resultado por enquanto para os *novos* inabordable, a nota commovida e dolente da nossa alma collectiva, o palpitante traslado emocional do nosso modo de viver e de sentir.

Em qualquer d'essas modelares poesias do *Simplex* a emoção desdobra-se, define-se, empolga-nos... ha grandes linhas genericas que nos suggerem estados de alma, sympathicos dos do poeta. E onde encontra o meu amigo d'isto n'esse tão encomiado *Só?*

Eu, no logar do Antonio Nobre, zangava-me com os amigos, cujo hyperbolico incenso o está grandemente prejudicando.

N'um segundo livro conseguirá certamente Antonio Nobre, não com mais talento mas com mais arte e poder do que no *Só*. mostrar-nos o que quer e o que é capaz de conseguir.

—Que diz v. ex.ª sobre cada um dos Novos: Alberto d'Oliveira, Julio Brandão, João Barreira, D. João de Castro?

—Alberto d'Oliveira é uma alma de asceta n'um temperamento de meridional. E' talvez o mais sincero d'elles todos. Faz melhor prosa do que verso: De todo o seu livro as melhores peças são talvez os dois *Argumentos*.

O *Livro d'Aglaís*, de Julio Brandão, é muito superior ao *Só*, no fim de representar a alma portugueza. O *Peregrino* é uma obra-prima, bem como as *Boas Fadas* e o *Cande Almirante*.

D. João de Castro filia-se mais talvez na *nuance* Eugenio de Castro. Tem muito talento, mas litterariamente não me parece ainda facil definil-o. Eu, pelo menos não o comprehendi ainda.

João Barreira, quando se tenha libertado um pouco na concepção e na forma, das fascinadoras mas perigosas influencias do *peessimismo* e do *exotismo*, e quando introduza um pouco de analyse no desdobraimento emocional da sua prosa, deve produzir extranhas obras de sensação, como originalidade e como vigor, obras que nos vão directas á alma, revolucionarias, poderosas.

—Que pensa v. ex.ª dos nephelibatás — dos srs. Eugenio de Castro e Oliveira Soares, que me parecem inconfundiveis com os outros?

—Parecem-me uns *blagueurs*...



Assigne o convenio...



O convenio assigna... Não, senhor, não se assigna o convenio!



Om assigna o convenio ou eu não!



Não assigne o convenio...



Não se ha de assignar o convenio!...



É melhor assignar o convenio...



Estes não se ha de assignar esse conveniozinho?...



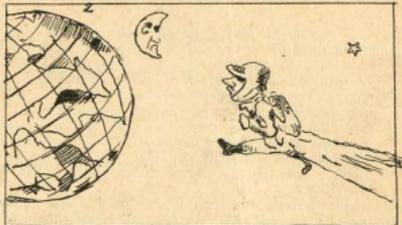
Sempre assignei o convenio...!

Crisóthimo

PERIGO DE NÃO SABER GEOGRAFIA



Da Terra vê-se um cometa...



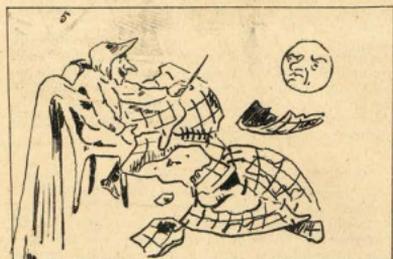
aproxima-se vertiginosamente



esbarra... e despedaça a Terra



Fica espantado e comovido...



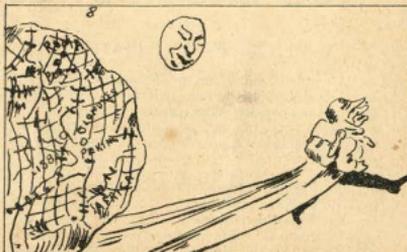
Reconsidera, senta-se no firmamento, e começa a costurar a Terra...



Senta-lhe grande gana para fazer melhor...



Sorri-se de satisfação ao ver a Terra novamente inteira...



(Genro alentejo)
Sómente se enjaulou no punção do
firmamento, depois formando a geographia
e alguns satisfactos...

—Perdão. V. ex.^a acha que o sr. Oliveira Soares tenha talento?

—Não. Eu ponho o sr. Oliveira Soares de parte... Engenho de Castro parece-me um *biogéneo* de finíssimo gosto, e um artista de possantísimos vãos; que, conhecendo admiravelmente bem a chateza do *meio* intelectual em que se vê forçado a viver, é o primeiro a ri-se intimamente das *jongleries* de estylo com que vai irritando o burguez, que baldamente, — elle bem o sabe, — tentaria deslumbrar com uma idea.

Por demais sabedor que lhe sairia improffico e inglorio um trabalho de reconstituição intellectual, vai-se escarninhamente limitando a cortar lantejoulas; não lhe valendo a pena apostolar ideas agitas guizos; *virtuose* da Rima em vez de *arant-tireur* da Poesia; não haseiando um estandarte, está-nos fazendo troça.

Elle bem o sabe.

—E o sr. Oliveira Soares...

—O sr. Oliveira Soares procura fimitar o cenobitico iniciador da escola, e desvanidamente julga-se, não obstante — é uma nota esta que o define — o *primeiro* e unico *nephetibata* d'este paiz.

— Parece-lhe duravel este movimento, e sincero?

— Na sua forma actual não dura um anno. É a febre puerperal de mais uma evolução da Arte; suas demasias e extravagancias não de passar, breve, com ella. E então ficará o que ha de sincero e redemptor e alado na novissima escola, que é muito, que é um campo cheio de inedito, de encanto e de verdade.

— Que me diz v. ex.^a da forma aggressiva como elles se tem dirigido aos veltos?

— É talvez essa uma pergunta que me embarça um pouco. Eu, tanto sioo tambem aspero com elles...

— Por isso mesmo.

— Não é generosa a aggressão, mas comprehende-se e desculpa-se, como filha do irremprimivel impulso renovador que os anima.

Tinha acabado a minha missão; e como fallassemos do livro de Junqueiro, *Os Simples*:

— Os Novos que o leiam e vejam como se realisa a verdadeira aspiração de querer dar à Poesia a feição nacional, simples e humana. Que magnifica suggestão nos não dá a *Moleirinha*, o *Prestito funebre*, o *Regresso ao lar*! É uma suggestão, repito, que nós não temos lendo os versos de Antonio Nobre, quando elle evoca a ermidã da Boa-Nova, o Leça, os moinhos. Antonio Nobre pôde fazer evocar as suas ermidãs e os seus moinhos, mas só para amigos — nunca para nós todos.

JOSÉ SARMENTO.

NOS BASTIDORES

VALLE E A COMEDIA

A comedia entristece-me. Se a burguezia egoista se ri, eu sinto piedade pela galeria de pobres grotescos, que no palco desfilã entre chufas. E' que nunca a comedia me empolga, a ponto de eu perder a minha personalidade, e que com o espectáculo que se vai representando entre tristes lonas, a minha alma, com amargura, se confrange, como n'uma situação da Vida d'um ridiculo identico porque eu passasse. Esta falta de piedade e de delicadeza, que é equal à que faz com que os burguezes se riã na rua d'um doente, d'um aleijadinho, ou das pequeninas miserias, que matam com maior ferocidade que as grandes desgraças — nunca eu a senti. Por ventura me affligem mais os vicios picaros e secretos, que por serem inconfessaveis, roem sem a commiseração de nenhuma Irmã de Caridade, as pobres, as doentias almas dos ridiculos, dos que só sahem à noite e que vão rentes às paredes e à escuridão dos immundos boeiros, a esbracejar, a discutir a sua dor — do que as grandes amarguras que na sua grandeza tem uma quasi com-

penção. Para o publico só é comprehensiva a desgraça commentada — e essa odiosa burguezia, que os ranciosos aterram, e que cultiva com ferocidade os vicios hediondos, a grosseria de sentimentos, fem a necessidade infame de eu assistir nos theatros à exposição de ridiculos e de doengas — para se ri. Tragam-lhe para os palcos phantasias lepras, corporosas molestias, vergonhosos vicios — mas picaros, corcundas. Doenças verdadeiras com que a gente estorpe de riso, os pobres com olhares de fome tão esqueleticos e tão pittorescos!... Estupida, repellente, como esses monstros verdes que roem as proprias patas — que abundam a Igreja Christã pela maçonaria, e que incapaz de comprehenderes o ideal fizeste do materialismo uma quasi religião!

E de certo a tua comedia (porque tão verdade é que a burguezia triumphã, que ella tem os seus homens de letras, romancistas e dramaturgos) é d'uma inferioridade sem nome. O senhor Gervasio Lobato é o mestre d'esta comedia, quasi unica, porque, se o senhor Abel Botelho não se pode confundir n'este grupo, elle é tambem o unico, que, por litteratura e por ter a necessidade de contrariar que os timidos tem na escripta por a não poderem conservar na Vida — agride o publico. E se esta comedia é escutada pela burguezia — é que ella se dá ares de lhe ouvir litteratura, e ainda que no intimo a não tolere, não lhe bate por não querer passar por estúpida. O que é verdade é que, só a divert, no drama o pathetic, bem comprehensivo, aliterado, horrivel — esta comedia, com situações picaras e chalaças alinhavadas, que a mim me deixa um cançasso, um amargo tedio. Ninguem pode explicar o que no theatro ouvim. Os actores tiveram gestos de caricatura, as situações já conhecidas succederam-se pittorescas — e nos finais de acto houve barulho e musica...

Miserias secretas, dizes que se não podem confessar porque a dura humanidade, que as não comprehende, seria sem piedade e retalharia almas com agudos risos!... Oh como a mim me enfurece esta burguezia sem lagrimas, d'uma ferocidade que vai procurar miserias para se divertir, sem simplicidade, que ama leituras obscenas em segredo, e vive no pecado e na ingominia, reversa, sem comprehensão — e que no theatro adora as peças, que nem são artisticas, nem fazem pensar, e de que a unica recomendabilidade, é a banal exterioridade!...

*

Valle é o grande actor comico d'este publico e d'esta comedia. E na verdade vos digo que este comediante é já de si uma caricatura. Presta-se a tudo a sua physionomia d'uma grande mobilidade, triste — porque não sei se já repararam que este homem é triste, ridiculo quasi, torto. Pouco expansivo decerto, elle deve arrastar como uma grande desgraça, como uma nodoa de azeite que se lhe alastra pela alma, uma amargura quasi mesquinha — a amargura que lhe consente caricaturar os infelizes, incarnar-se n'elles, sentir-lhes todo o ridiculo do seu viver. O seu genio, porque este comediante é o maior actor comico portuguez, tão grande como Taborda — é enorme na caricatura da desgraça. E' assim que elle tem gestos que eu não posso comprehender como foram observados, feitos d'um pittoresco inexcidivel. Vejam-no n'um papel de desgraçado, coado, magro, a farejar jantares, a gula do seu olhar, o feição anguloso, a trizã caricatural — que quasi faz solçar a minha alma. O riso que elle desperta no publico vem da sua trizeza.

E na verdade eu comprehendo que este poder de fazer ri deve ser uma horrivel desgraça. Pois elle deve ser quasi aggressivo, por não poder nunca fazer chorar. Vejam-no na rua, vestido à moda, com um ar empungido, à força de querer ser grave... Mas não! é impossivel os olhos vão a luzir-lhe como no theatro e se elle se zangar é ainda uma caricatura, tão patuço como entre as lonas da rampã, a luz do gaz.

E Valle arrasta assim, em segredo, um odio a esta facilidade de fazer ri os outros, como quem arrasta um vicio maldito e intimo, impossivel de a gente se desfazer d'elle, de o estrangular a um recanto.

E é assim que o seu genio é para elle uma tristeza.

#

Para a semana breves linhas sobre a grande actriz portugueza, Lucinda Simões—a Unica

GIL BLAS.

AOS NINHOS

Sonhava o garoto Quim que, embrenhado na matta espessa, já tinha encontrado meia duzia de fôfos ninhos atulhados de passaritos implumes, que abriam feias mandibulas ansiosamente, quando na copa de um pinheiro manso avistou mais um, redondo e largo que debaixo parecia todo feito pittorescamente de rosmarinho florido. O Quim contemplou o grande pinheiro desapontadamente percebendo que não poderia decerto subir até as altas ramarias, no meio de cuja massa verde-negra e agulhosa o appetecido ninho punha uma nota festiva de rude flor silvestre; mas como ao mesmo tempo lá em cima, talvez ironicamente, um pequeno passaro para elle desconhecido avançou o bico dourado, e filando-o, com os seus estranhos olhos negros e scintillantes, soltou de repente um assobio agudo e acre, que o arreliou nervosamente, o garoto admirado tornou-se d'uma energica resolução e atirou-se com gana ao grosso tronco do pinheiro immovel, em expectativa.

Penosamente, foi-se arrastando como um tropego letrachio agarrado á casa avermelhada, mas tendo um grande medo de cair, porque lhe parecia sentir ás vezes o tronco esfremecendo, mudando de logar, pinchando uns pulos breves, e rangendo francamente umas gargalhadinhas surdas. Então, não querendo que o pinheiro insolente mangasse com elle, o Quim procurava subir á toda a força, com raiva, agitado de um brusco frenesi; amquanto que esperto passarinho de bico dourado, quedo e alegre, assobiava longamente uma entada singular de notas estridulas e penetrantes, como n'uma viva petulancia de desafio. Julgando-se escarnecido, o Quim já vencendo tenzamente a resistencia aspera do enorme, e por mais que o tronco inqueleto o sacudisse, elle abraçando-se, enganchando as pernas, e errando desesperadamente as unhas, conseguia elevar-se lentamente, e em breve pôde lançar a mão victoriosa a um galho resistente, onde descançou um instante.

Mostrou então ter tido muito susto o passarinho de bico dourado, que recolheu apressadamente ao interior do ninho, batendo as pequenas azas n'um alvoroço, e como d'allí a pouco veio espreitar cautelosamente um segundo passarinho, de bico escarlate como uma bella granada ponteguda, e atraz d'elle veio um terceiro; de bico azul como uma turquesa, e logo em seguida um outro de bico inflamado como um precioso fião ardente, o garoto regalado herrou encantadamente:

—O que rica passarda!

E todo satisfeito, ajudado agora pelos successivos esganhos valentes, subiu rapidamente até ás embrulhadas ramas, onde estava o ninho cubado. Mas ui!—quando lhe vae a deitar o gatazio aduoco, eis que um pé lhe escorrega desgracadamente, e o pobre garoto precipitado no espaço, todo irriado de medo vê-se enlacedo e beijado por um diabo cabeludo de longa cauda retorcida e scintillante, bocca escaneada n'um riso torpe, e que aos zigue-zagues pelo ar suffocante o leva rapidamente para um fundo abysmo de braza...

...Felizmente o Quim acordou n'este momento, assarapantado, e atravez da escuridão silenciosa do quarto julgou ainda ver um clarão fugaz na parede, com o reflexo do brazero infernal.

MONTEIRO RAMALHO.

O UNIVERSAL

Supplemento illustrado

A 10 réis

E' o jornal de caricaturas mais barato do mundo.

Resolvemos baixar o preço do **supplemento illustrado** attenta a enorme tiragem que temos feito

8:000 exemplares

e que em pouco tempo temos visto exgotada.

Desapparecidas assim as difficuldades que nos impediam de dar o nosso **supplemento** a

10 réis

podem os nossos assignantes e o publico estar certos de que, pelo magnifico acolhimento que nos fizeram, nos dois primeiros numeros, o nosso **supplemento illustrado** será o jornal de caricaturas mais barato do mundo inteiro.

É quasi de graça!

A 10 réis

O nosso **supplemento** sae todas as **segundas-feiras** de cada semana.

No proximo numero publicamos a parte mais interessante dos

Vencidos da Vida

a comedia de Abel Botelho, «que o governo prohibiu que se representasse, sob pretexto de caricaturar politicos conhecidos».

O nosso **supplemento** é collaborado por Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Fialho d'Almeida, Luiz Osorio, Pinheiro Chagas, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro, Alberto Bramão, Alfredo Mesquita, Lopes de Mendonça, José Sarmiento, Oliveira Martins, Silva Pinto, João Penha, etc., etc.

Todos os semestres daremos aos nossos assignantes um magnifico brinde colorido.

NOTA.—A todas as pessoas a quem enviamos o nosso **supplemento**, pedimos o obsequio de nos-o devolverem, no caso de não nos quererem honrar com a sua assignatura.

Aos nossos assignantes e aos assignantes do supplemento illustrado

Tendo nós diminuido o preço da venda avulso do nosso **supplemento**, diminuímos tambem o preço da assignatura.

Assim, para os assignantes do **Universal** o preço é de

120 réis por trimestre

e para os assignantes exclusivos do **supplemento**, acresce o importe do correio, isto é, custa

150 réis por trimestre

Para todas as pessoas que desejarem ainda assignar o nosso **supplemento** temos á nossa disposição ainda exemplares dos dois primeiros numeros, por isso que conservamos intacta a pedra lithographica.

Comprem o **supplemento illustrado** que custa apenas

10 réis avulso.

E' o jornal de caricaturas mais barato do mundo!

O supplemento mais barato que até hoje se tem publicado — 10 rs.

Supplemento illustrado do UNIVERSAL — Preço 10 rs.



Melle Burxay está patente ao publico na arena financeira. É a grande domadora de serpentes. As mais ferozes obedecem-lhe com uma humilhada de enxada... de cabedrada. E entrar! e entrar! Quem não tiver dinheiro não paga nada.